

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: FUNDAMENTOS E PLANEJAMENTOS

THE TELLING OF STORIES IN ELEMENTARY SCHOOL: FOUNDATIONS AND PLANNING

Samantha Aniceto de Oliveira¹

Claudio Roberto Antunes Scherer Júnior²

Universidade do Sul de Santa Catarina

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Contar histórias para crianças é uma forma de construir conhecimento, um momento que estimula a criatividade, imaginação, interação e diversas outras aprendizagens. Neste artigo, busca-se compreender como é fundamentado e planejado o momento da contação de história a partir da prática de uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental. Para isso, utilizou-se como fontes observações das aulas, conversas informais e as respostas de um questionário aplicado com a professora. A metodologia utilizada foi de uma pesquisa empírica, embasada em bibliografias que tratam a respeito da contação de história e literatura infantil. Entre as autoras trabalhadas destacam-se Abramovich (1997), Coelho (1997) e Silveira (2008). Conclui-se que a contação de história necessita ter um planejamento prévio, isso facilita e maximiza as possibilidades ligadas a essa atividade, sejam elas de controle da turma ou do estímulo à leitura.

Palavras-chave: Leitura; Contação de Histórias; Ensino Fundamental.

ABSTRACT: Telling stories to children is a way to build knowledge, a moment that stimulates creativity, imagination, interaction and various other learning. In this article, it is sought to understand how the story's moment is grounded upon and planned based on the practice of a teacher at the Elementary School. For such, informal conversations and the answers of a questionnaire applied with the teacher were used as sources observations of the classes. The methodology used was empirical research, based on bibliographies dealing with the storytelling and children's literature. Among the authors studied are Abramovich (1997), Coelho (1997) and Silveira (2008). As a conclusion, it is possible to affirm that storytelling needs to have prior planning, which facilitates and maximizes the possibilities linked to this activity, be they class control or reading stimulus.

Keywords: Reading; Telling of Stories; Elementary School.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias pode enriquecer as atividades pedagógicas cotidianas apresentadas às crianças, visando a oferecer uma gama de atividades diversificadas que estimulem o desenvolvimento integral da criança, envolvendo e promovendo a progressão da criatividade, concentração, oralidade, expressão, curiosidade, imaginação, socialização e integração do grupo. Segundo Vitor e Korbes (2011, p. 2),

1 Pedagoga, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. sa_aniceto@yahoo.com.br

2 Professor de História, Historiador, Mestre e Doutorando em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). claudioschererjr@yahoo.com.br

[...] a contação de histórias [...] é umas das ferramentas pedagógicas importantíssimas e que deve ser valorizada, pois a mesma contribui para o desenvolvimento da criança em vários aspectos, ela proporciona momento de prazer e ao mesmo tempo serve de alicerce dentro do processo de aprendizagem.

Por meio de experiências pessoais e principalmente, ao longo dos estágios obrigatórios, pude observar o quanto esse momento é aguardado e bem recebido pelas crianças, elas aguardam com ansiedade pelo instante em que vão realizar uma viagem pela imaginação, quando suas emoções são despertadas. Segundo Abramovich (1997, p. 17),

é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é, ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Neste trabalho, busquei estudar como ocorre a preparação do momento de contar histórias, quais são os critérios adotados pelos educadores e de que forma essa preparação ocorre. De acordo com Sousa e Straub (2014, p. 127):

Em questão de preparação do momento de contar histórias, as docentes participantes de nossa pesquisa, afirmam que escolhem o livro a ser contado conforme o objetivo proposto a se trabalhar com as crianças ou por datas comemorativas, e também que leem a história antecipadamente [...].

A partir de uma atividade de roda, quando histórias são contadas, diversas outras podem ser articuladas a esse contexto e é possível proporcionar momentos de reflexão sobre comportamento e ações de cidadania, como também, é possível trabalhar atividades de alfabetização, letramento e incentivo à leitura. Segundo Coelho (2002, p. 29),

[...] para além do prazer/emoções estéticas, a literatura [...] visa alertar ou transformar a consciência crítica do seu leitor/receptor. A literatura infantil provoca emoções, diverte, dá prazer, mas ao mesmo tempo ensina novos modos de ver o mundo, de viver, de pensar, além de estimular a criatividade.

O professor deve estar preparado com um bom planejamento de aula, em que as atividades possuam fundamento e são criteriosamente escolhidas, portanto, é imprescindível ter o mesmo cuidado na escolha da história que é apresentada aos alunos, pois será a partir dela que novas descobertas e aprendizagens serão feitas. Fica evidente a importância desse momento de preparação, que exige um critério seletivo para a escolha do livro e familiarização com a história que será contada.

Neste artigo, foi investigada a forma como é organizado e planejado o momento que antecede a contação de histórias. A proposta é identificar e compreender o modo como é fundamentado e planejado o momento da contação de histórias no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular no Estado de Santa Catarina, na cidade de Palhoça.

Por meio da aplicação de um questionário à professora, busquei entender os critérios da escolha dos livros, como é escolhido o melhor momento para contar

histórias, como a professora organiza o ambiente, como é mensurado o tempo dedicado à atividade de contação de histórias, de que forma a professora instiga seus alunos à leitura, entre outros questionamentos.

O campo escolhido para a construção do presente estudo foi o Colégio Kerigma. Essa instituição visa o desenvolvimento das crianças e adolescentes com base nos princípios cristãos, em que a aprendizagem deve contemplar também o conhecimento sobre Deus. A escola fica localizada no bairro Madri, na cidade de Palhoça, em Santa Catarina. Oferece o ensino da pré-escola ao 9º ano do ensino fundamental. O Colégio Kerigma, escolhido para a realização deste artigo, foi onde realizei um dos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia.

A pesquisa foi pura e empírica. O sujeito da pesquisa é a professora titular da turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A construção deste artigo foi embasada em conversas informais, aplicação de um questionário e das observações das aulas ministradas pela professora. Para auxiliar na coleta de informações obtidas a cada observação, fiz uso de um diário de campo, no qual registrei informações para a construção deste trabalho.

As informações adquiridas por meio do questionário e as conversas informais que tivemos fora do período de aula, foram fundamentais para a construção deste artigo, o qual busca esclarecer como são fundamentados e planejados os momentos de Contação de História na turma de 1º ano do ensino fundamental do Colégio Kerigma.

O PLANEJAMENTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O momento de ouvir histórias durante a aula é comumente recebido com entusiasmo e encantamento pelas crianças, pois aguça a criatividade e a imaginação. Em algumas observações que fiz em sala de aula, inicialmente as crianças buscavam saber qual era o livro escolhido, faziam sugestões e suposições, a professora revelava o livro a ser lido, as crianças sentavam, acomodam-se e aguardam com curiosidade o que estava por vir.

Segundo Saraiva e Mügge (2006, p. 12), a leitura tem caráter funcional, e o ensino pode mostrar-se mais agradável e interessante, tanto para os estudantes quanto para os professores. Afirma também que a leitura tem caráter pedagógico e formar leitores significa preparar sujeitos para o exercício consciente da cidadania, a convivência saudável consigo mesmo e com os outros, a experiência lúdica com o imaginário.

Até a chegada do momento de contar histórias, um percurso é trilhado, em que se estabelecem alguns critérios, como a escolha do livro que será apresentado às crianças, o melhor momento para reuni-las para a realização dessa atividade, a organização do ambiente e o tempo dedicado a contar histórias.

Segundo Abramovich (1997 p. 18):

Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer na leitura, demonstrar não estar familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar [...] Aí não há como segurar e sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degradingola.

Da mesma forma que o educador planeja suas aulas de língua portuguesa, matemática, geografia, seleciona as atividades que irá aplicar, faz as leituras da apostila ou livro didático para preparar a ministração da aula, o mesmo cuidado deve ser tomado na preparação para contar histórias, pois demonstrar intimidade com a leitura escolhida é fundamental. Dessa forma, a leitura será feita com convicção, com expressões e entonações adequadas aos momentos, esse cuidado é transmitido ao ouvinte, que pode ouvir e entrar no mundo da imaginação, vivenciando a história com encantamento, emoção e atenção. Interrupções como o gaguejar por desconhecer determinadas palavras, apresentar confusão ou surpresa no decorrer da leitura, isso pode tirar a atenção do ouvinte, trazendo-o de volta à sala de aula, quando deveriam estar mergulhados na narração.

Para Coelho (1997), a literatura deve obedecer a alguns estágios psicológicos da criança, os textos devem estar adequados às diversas etapas do desenvolvimento infanto/juvenil, entre eles a autora classifica as seguintes fases de leitura: o pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e o leitor crítico. De acordo com a autora,

[...] a inclusão do leitor em determinada ‘categoria’ depende não apenas da sua faixa etária, mas principalmente da inter-relação existente entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo de leitura. Daí que as indicações para os livros de determinadas ‘faixas etárias’ sejam sempre aproximativas (COELHO, 1997, p. 28).

Sendo assim, baseado nos princípios orientadores apresentados, o professor deve selecionar criteriosamente a leitura que oferecerá aos alunos, considerando a categoria a qual o grupo se aproxima, facilitando o entendimento dos alunos sobre a leitura apresentada. Caso contrário, a história causará tédio, falta de atenção, inquietude e dispersão.

A leitura desperta sentimentos, emoções, afetividade e na infância também auxilia na estimulação do imaginário, criando uma comparação com as situações vivenciadas, facilitando a compreensão da realidade.

Se perguntarmos a qualquer educador – pai, professor, bibliotecário, supervisor de ensino etc. – sobre o que pretende quando leva o livro à infância, a resposta será sempre a mesma: queremos criar nos pequenos o hábito de ler. Em outras palavras, pretendemos que as crianças e jovens tenham, pela vida afora, a literatura como forma de enriquecimento (CUNHA, 1996, p. 40).

O professor possui um papel fundamental no processo de desenvolver e estimular a leitura, para que se torne um hábito. Seria interessante se as famílias desempenhassem esse papel, porém, muitos pais não possuem o entendimento da importância da leitura para a vida da criança. Diante disso, o professor deve promover a leitura dentro da sala de aula, conscientizar e estimular os alunos a adquirir esse hábito. Segundo Yunes e Pondé (1988, p. 32),

[...] o namoro entre o texto e o leitor precisa ser despertado na mais tenra infância, com a ajuda de todos os meios, dentro e fora da escola. Como a questão da iniciação literária aparece hoje estritamente ligada ao sistema educacional, não se pode pensar em disseminá-la sem passar pela sala de aula.

É por meio da sensível análise do professor sobre as escolhas das leituras que serão oferecidas às crianças, que momentos prazerosos serão gerados, tanto na hora de ouvir histórias quanto na hora de ler.

Diante disso, o professor deve se antecipar e preparar o momento da leitura, pro- por esse momento de forma agradável, ela pode ser promovida por meio de diversas formas. A leitura pode ser individual, assim cada criança pode escolher um livro de seu interesse, ou em grupo, numa roda de leitura, onde o professor faz o papel de mediador, instigando os pensamentos dos ouvintes, tudo isso promovido em um ambiente convidativo e confortável, fazendo com que as crianças remetam a leitura a um momento de prazer e não de obrigatoriedade.

O ATO DE PLANEJAR E CONTAR HISTÓRIAS E AS INFLUÊNCIAS EM SALA DE AULA

De acordo com as leituras realizadas no decorrer da graduação e mediante as ob- servações realizadas durante os estágios obrigatórios, percebi o quanto a atividade de contação de histórias, por meio da literatura infantil é importante no desenvol- vimento da criança por diversos fatores, como no processo de aquisição da leitura e escrita. As crianças que possuem contato com histórias desenvolvem a imaginação, a capacidade de discernimento, a crítica e é um grande estímulo à criatividade. Por meio das histórias, as crianças são instigadas a fantasiar, criar, imaginar, tudo isso a partir das ideias lançadas pelo narrador da história. Segundo Silveira (2008, p. 30):

Os benefícios de uma contação de histórias são apontados como um impor- tante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e assimilação dos significados, assim como o desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico. Admitimos, também, que a leitura de histórias em voz alta constitui uma oportunidade favorável ao desenvolvimento do vocabulário, o contexto verbal das histórias, assim como a entonação e o ritmo do leitor, constitui uma fonte rica para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

De acordo com a professora partícipe desta pesquisa, quando perguntada so- bre a importância da contação de histórias, ela disse que “aprendemos durante a graduação que é importante contar histórias por diversos fatores como: estimular a imaginação da criança, levando a viver ludicamente em outros mundos, é uma importante ferramenta para a alfabetização, já que no ato de escutar a leitura, a criança também aprende, conhece novas palavras, compreende seu sentido, é uma forma de incentivar a prática da leitura. Além disso tudo, posso afirmar que contar histórias também ensina às crianças o ato de escutar, de ouvir sem interromper, de respeitar o momento da fala do outro. Nesse momento, aproveito para ensiná-las a controlar a ansiedade em querer falar, participar e interromper no momento certo, meus alunos aprendem bastante com o ato de contar histórias”.

O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, e melhor ainda se forem as quatro coisas de uma vez. Repetindo: educar, instruir e dis- trair, sendo que o mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo o

mais. Se não houver arte que produza prazer, a obra não será literária, e sim didática (GÓES, 1991, apud DEBUS, 2013, p.11).

Nas observações, percebi que a professora busca por meio da contação de histórias o entretenimento e a utiliza também como uma forma de controlar a agitação das crianças, visando a acalmá-las para o início de uma nova atividade.

Quando perguntada como as histórias são escolhidas, a professora informa que “a escola possui princípios cristãos, com isso, muitas das histórias contadas são bíblicas, os meus alunos conhecem quase todas as histórias bíblicas, sabem os nomes dos personagens, conhecem as histórias e entendem o que devemos aprender com os ensinamentos mostrados por meio delas. No entanto, busco apresentar outras leituras, para que eles conheçam outras histórias, outras fantasias, e assim possam ter suas preferências.”

A professora busca equilibrar a apresentação de histórias bíblicas e a de outras leituras, justamente para que os alunos possam apreciar diversos gêneros literários. Durante as observações, foi constatado que as crianças demonstram interesse por todas as histórias apresentadas, mas parecem apreciar mais as bíblicas.

Sobre a periodicidade a professora informou que: “Tento manter uma média de dois a três momentos de leituras durante a semana, e eles não me deixam esquecer!”

Os alunos pedem diariamente para que a professora conte histórias, percebe-se que as iniciativas acontecem em momentos os quais a professora apresenta um novo conhecimento, de forma mais teórica, nessas situações as crianças solicitam histórias, pedem para brincar na quadra de esportes e parquinho. Pode-se verificar que o momento da contação de histórias é visto como um entretenimento tão bem-vindo quanto às idas ao parquinho, momento esse em que eles se divertem.

Ao ser perguntado sobre a influência dos alunos nas escolhas das histórias, ela diz que “os alunos possuem muita influência sobre a escolha das histórias, alguns gostam muito de determinadas histórias e por eles eu contaria sempre a mesma, tento agradar a todos, repetindo histórias queridas por eles e trazendo novidades sempre que possível”. Acrescenta que a escola participa da escolha dos livros, dizendo que: “a escola sugere as histórias bíblicas, nós, professores, somos constantemente lembrados que devemos aplicar atividades que envolvam o cristianismo”.

Nos períodos de estágio obrigatório, participei de inúmeros momentos de reflexões bíblicas e orações, normalmente a diretora trazia um assunto ou problema enfrentado por algum aluno e por meio da leitura de um versículo, o assunto era abordado e as crianças eram corrigidas em suas ações. Vivenciei alguns pedidos da diretora à professora, solicitando que fosse lida determinada história bíblica a fim de levar aos alunos a reflexão de alguns assuntos, como por exemplo o *bullying*.

Foi questionado se as crianças demonstram interesse em ouvir as histórias, ela diz que “Sim! Muito! Elas adoram esse momento, apesar de preferirem atividades que envolvam movimento físico, elas gostam bastante de ouvir as histórias”.

Nas observações constatei que o momento no qual as crianças ouvem as histórias, é tão apreciado quanto às idas ao parquinho. As crianças parecem achar o mundo do imaginário tão divertido quanto correr e brincar num parque.

Quando perguntada sobre quais são os tipos de histórias contadas para essa faixa etária, ela informa brevemente que “as histórias contadas são bíblicas, histórias clássicas, sobre a natureza... são diversas.”

Segundo Coelho (2006), as crianças na idade escolar se interessam por histórias de crianças, animais, encantamento, histórias de fadas e aventuras num ambiente próximo: família e comunidade. A autora também afirma que:

Crianças de primeira e segunda séries, que ainda não possuem um bom nível de leitura, gostam de histórias de faixa etária anterior, havendo grande interesse nos contos de encantamento como *O gato de botas* e *Joãozinho e o pé de feijão*.

Numa fase posterior é que os contos de fadas com enredo mais elaborado e longo entrecerto ocuparão a imaginação dessas crianças. Elas ficarão embevecidas com príncipes, princesas, castelos e palácios (COELHO, 2006, p.15).

Questionou-se a professora sobre quais são as técnicas que ela utiliza para contar histórias, ela respondeu: “Não acho que uso muitas técnicas, sou guiada mais pelo bom senso, procuro conhecer a história antes de contá-la. Às vezes, acontece de uma criança levar um livro e pedir para que a história seja contada e eu conhecer a história junto com a turma, mas prefiro ler a história com antecedência.”

Conforme Silveira (2008, p. 29):

Através da contação de histórias é possível descobrir novas palavras, deparar-se com a música e com a sonoridade das frases e dos nomes, se capta o ritmo e a cadência do conto. Porém, para isso, quem conta tem que criar um clima de envolvimento e de encanto. Se faz necessário saber dar pausas, o tempo para o imaginário de cada criança construir o seu cenário, visualizar os seus monstros, criar as suas fadas, adentrar pela floresta, pensar na cara do rei, travar lutas com as almas penadas, entre outros. A performance do contador ao amarrar as inúmeras conotações às palavras faz a ponte entre o lúdico e a aprendizagem.

Mediante essas afirmações, podemos compreender que técnicas para contar histórias são importantes, sendo elas baseadas em estudos teóricos ou aprendidas no cotidiano da prática dessa contação, é fundamental adotar uma forma cativante e envolvente para fazer isso.

Fora perguntado à professora sobre o que cativa a atenção dos alunos na contação de histórias, e ela respondeu que “o que mais cativa a atenção dos alunos é a forma como conto a história, quando prego um susto neles no decorrer da contação, a alteração da voz, às vezes um timbre mais alto, outras vezes um timbre mais baixo, acho que essa diversidade torna a história mais interessante. Mudar a voz para cada personagem, fazer um suspense ou voz de ternura, o importante é entrar no clima da história que está sendo contada e torná-la o mais agradável possível”.

Para as autoras Souza e Cordeiro (1997, p. 28):

Ao ler uma história é preciso chamar a atenção da criança usando de diferentes recursos. Mostrando-lhe a ela que ler não é apenas um ato que se transforma em hábito, mas sim uma importante ferramenta na formação da pessoa, onde envolve a cultura e a forma de compreender e entender o mundo.

A professora informou que “os livros são doados pelas famílias dos alunos, trazidos pelos professores ou adquiridos pela escola”.

Observou-se que alguns alunos traziam de casa seus livros e pediam para que a professora fizesse a leitura, em alguns casos, eram novos, embalados e nunca lidos pelos pais, a criança leva o livro para aula e fica ansiosa para ouvir a história

daquele livro. Em um caso específico, a aluna perguntava constantemente quando a professora faria a leitura do livro, a professora, atarefada e cheia de atividades em atraso, não conseguiu dar toda a atenção que aquela criança desejava, essa acabou voltando com o livro para casa sem sucesso em conhecê-lo, a professora acordou com a aluna que faria a leitura na próxima aula.

Questionou-se se os alunos têm suas preferências literárias, a professora disse que: “sim, cada aluno tem sua preferência, com o decorrer do ano, conforme eles vão conhecendo as opções literárias disponíveis em sala, eles vão fazendo suas escolhas”.

A partir das observações, pude perceber que os alunos possuem suas preferências, como: história fantástica, com príncipes, bruxas, história clássica, histórias contadas por algum familiar, histórias ligadas à realidade, por exemplo, história sobre educação e respeito de forma lúdica; e histórias sobre dinossauros.

Quando perguntado se existe um melhor momento para contar histórias, ela respondeu que: “Gosto muito de conciliar o momento de contar histórias a um momento que anteceda uma atividade que preciso que eles estejam calmos, atentos e concentrados, após o ato da leitura, eles ficam tranquilos, e dispostos a ouvir”.

Segundo Coelho (2002 p. 12):

A história alimenta a imaginação da criança, há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo, quando inverso que funciona. A história aquietada serena, prende atenção, informa socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Durante as observações, ficou nítida a estratégia utilizada pela professora de usar o momento de contar histórias como uma ferramenta de controle, principalmente em dias chuvosos, nos quais as crianças não frequentam o parquinho por ser um ambiente sem cobertura. Nesses dias, a professora caprichava nas histórias, normalmente desenvolvia alguma atividade relacionada à leitura, como uma conversa de reflexão sobre a história lida, ou a elaboração de um desenho que representasse o melhor momento da história considerado pelas crianças. Essas atividades eram expostas na sala de aula ou no mural da escola.

Diante disso, percebe-se o quanto a professora utiliza as histórias como um “tranquilizante” para as crianças, esse recurso também é uma forma de aquietar as crianças nos dias em que ela está indisposta, ou que quer apresentar um novo conhecimento a elas. A contação de história auxilia a professora no controle da agitação das crianças, concentrando a atenção delas na história contada.

Questionou-se a professora de como o ambiente é organizado para o momento de contar história, ela respondeu que: “Aprendi que fazer uma roda para este momento é muito legal, sair do modo carteiras enfileiradas, mas, na prática, isso pode atrapalhar um pouco, tudo vai depender do nível de agitação da turma, por isso, normalmente faço a leitura em frente da turma, e vou circulando entre os alunos no decorrer das histórias, costumo me aproximar dos alunos que parecem não estar

acompanhando a história, isso faz com que eles me olhem e prestem atenção na leitura. Não faço alterações no ambiente”.

Conforme informado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 67):

No dia-a-dia devem-se aproveitar os espaços externos para realizar atividades cotidianas, como ler, contar histórias, fazer desenho de observação, buscar materiais para coleções. Dada a pouca infraestrutura de muitas escolas, é preciso contar com a improvisação de espaços para o desenvolvimento de atividades específicas de laboratório, teatro, artes plásticas, música, esportes etc.

Vê-se que a alteração no ambiente no momento de contar histórias é bem-vinda, realizando uma roda para este momento. As crianças passam grande parte do dia sentadas de forma enfileirada, o ato de modificar essa organização do ambiente faria com que a interação da professora com os alunos fosse mais eficaz, estaria mais próximo de cada um deles. Isso não acontece no modo enfileirado, no qual alguns alunos ficam mais distantes no fundo da sala, e outros têm mais proximidade. Mesmo que a professora circule pela sala, em determinados momentos ela dá as costas para alguns alunos, e assim a história perde alguns instantes da interpretação feitos pela professora, pois ela faz inúmeras expressões faciais e corporais.

Fora perguntado se algum tipo de história é evitada, a professora disse que: “Não me recordo de ter evitado alguma história, acho que as histórias infantis são bem pensadas no que as crianças gostam e devem ouvir... mas acho que evitaria uma história de terror, ou algo parecido, não me parece apropriado para crianças”.

As histórias contadas pela professora são bíblicas, fantasiosas ou educativas e que envolvem temas recorrentes e seguem a faixa etária das crianças.

Para finalizar, questionou-se se os alunos aderem à prática da leitura, ela respondeu que: “Todos os meus alunos gostam do momento da leitura, mas acho que uma minoria leva essa prática para casa, até porque alguns deles dependem dos pais para fazer isso, e nem todos os pais têm o entendimento da importância da leitura como uma prática que deve fazer parte do cotidiano de todos, não somente das crianças”.

Conforme descrito no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 135):

Deixar as crianças levarem, um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças desde muito pequenas podem construir, uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura.

Conforme nos orienta a Base Nacional Comum Curricular (2016) do Ensino Fundamental – anos iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, é necessária a articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil e na orientação quanto aos direitos de aprendizagem nos quais estão previstas atividades de exploração por meio de histórias, bem como no campo de experiências, o eixo escuta, fala, pensamento e imaginação. Informa também que é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular

e pertencente a um grupo social. Para isso, é fundamental que esse momento seja planejado e possam ser estudadas todas as possibilidades que envolvem a realização da contação de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de história se configura numa prática comum na maioria das escolas. É uma atividade pedagógica rica e multifacetada, do ponto de vista das diversas aprendizagens proporcionadas. Ela está intimamente ligada ao incentivo à leitura, ao desenvolvimento, por parte da criança, do gosto pelo ato de ler, de conhecer e se encantar por histórias e conhecimento. Nesse sentido, a prática da contação de história é uma forte aliada na formação dos sujeitos.

A professora que se dispõe a contar história em sala de aula deve compreender que exerce um papel fundamental como narrador, alguém que dará vida à história, tornando-a interessante e cativante, para isso, deve haver um planejamento o qual permita leituras adequadas à faixa etária em que atua, conhecer a leitura a ser efetuada, considerar o tempo que se possuiu para realizar essa atividade. É necessário ter clareza na comunicação, conhecer o que será lido para as crianças, pensar na organização do ambiente, podendo alterá-lo, convidando as crianças para outro espaço ou fazendo uma roda na própria sala de aula. No entanto, a professora partícipe desta pesquisa deixou claro optar por não fazer alterações no ambiente da sala, pois seria uma forma de evitar agitações e confusão, o que só atrapalharia a atividade.

Ao realizar esta pesquisa, foi constatado que a professora também utiliza a atividade de contar histórias como uma forma de controle das crianças. Uma forma de acalmá-las e concentrá-las para trabalhar algum conteúdo em seguida. A contação de história, por ser uma atividade desejada pelas crianças, também se torna uma valiosa forma de entretenimento, ou mesmo, de negociações entre docente e discentes, com vistas ao bom comportamento da turma. A professora deve ter energia e entusiasmo na contação, isso facilita a conquista da atenção das crianças, pois essas, por sua vez, estarão imaginando, criando as cenas em seus pensamentos. Dessa forma, a criatividade estará sendo estimulada, o desenvolvimento do vocabulário também, além de conhecer novas palavras, entre diversas outras aprendizagens que ler para as crianças pode proporcionar.

A contação de história é uma atividade que une entretenimento e aprendizagens, diversão e conhecimento. Mais do que uma ferramenta didática, é uma importante forma de desenvolvimento das crianças, principalmente no incentivo em formar e provocar futuros leitores.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria-análise-didática. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**. 7. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**: teoria e prática. São Paulo: Editora Ática, 1986.

DEBUS, E. S. D. **Contação de histórias**: livro didático. Palhoça: UnisulVirtual, 2013.

SARAIVA, J. A.; MÜGGE, E. **Literatura na escola**: propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, M. B. C. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVEIRA, B. F. Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico! **Revista Prolíngua**, v. 2. n. 2. p. 34-39, 2008.

SOUSA, F. R.; STRAUB, S. L. W. A arte de contar histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 5, n. 2, p.122-131, 2014.

SOUZA, R. S.; CORDEIRO, L. P. **Escolas Infantis**: leitura e escrita. Porto Alegre: Edelbra, 1999.

VITOR, E. C.; KORBES, L. M. A contação de histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 2, n. 1 (2. ed. rev. e aum.), p. 92-100, jan./jul., 2011.

YUNES, E.; PONDÉ, G. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.